

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE: UM DESAFIO CHAMADO SAÚDE

Ana Alice Dias de Castro Luz*, Susana Bubach**

*Farmacêutica, Departamento de Ciências da Saúde, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo. Rodovia Governador Mário Covas, Km 60, Litorâneo, 29932-540, São Mateus, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: ana.a.luz@ufes.br

**Enfermeira, Departamento de Ciências da Saúde, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo. Rodovia Governador Mário Covas, Km 60, Litorâneo, 29932-540, São Mateus, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: susana.bubach@ufes.br

Tratados como seres inferiores e submetidos às péssimas condições de vida, quer seja no trabalho excessivo e às diversas formas de violência, a história dos negros é marcada por inúmeros movimentos e ações sociais, que se basearam na busca contínua pela liberdade, originando, em seus movimentos de fuga, os quilombos. No norte do estado do Espírito Santo há registro de 32 comunidades quilombolas e a Comunidade quilombola do Sapê do Norte, localizada nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra, é amplamente pulverizada nestes locais. Não há dados precisos em relação à população, entretanto, estima-se que existam 1.500 famílias residindo nestas comunidades.

As comunidades quilombolas são “grupos étnicos-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória própria dotados de relações territoriais específicas, com presunção da ancestralidade negra”. Denominados como remanescentes das comunidades de escravos de quilombos, os quilombolas, são um grupo minoritário dentro das populações tradicionais. Apesar dos direitos assegurados por lei, a população quilombola ainda a luta por igualdade de direitos, posse e regularização fundiária de suas terras, ampliação de cidadania plena e equidade na saúde pública. Diante deste cenário, o acesso os serviços de saúde é restrito e o horizonte é marcado por iniquidades sociais e exclusão, mesmo com políticas públicas direcionadas à esta população.

Associado a isso, as desigualdades sociais, problemas relacionados à saneamento

básico, baixa qualidade de vida, baixa escolaridade, falta de acesso às informações e o fator de pertencer a grupos considerados vulneráveis são condições que interferem diretamente no processo saúde-doença desta população. Considerado como minoria racial, os quilombolas pertencem a um grupo com ancestralidade africana que traz consigo a exclusão social, que reflete diretamente no processo de saúde e doença desta população. Devido aos fatores de risco para doença cardiometabólica estarem presentes, sabe-se que a prevalência de hipertensão e diabetes mellitus nas comunidades quilombolas é elevada. Estas comunidades também sofrem a influência da transição demográfica o que resulta no aumento da prevalência de doenças crônicas apesar da elevada mortalidade infantil. Somado a isso, o uso de medicamento e os problemas associados ao uso (acesso ao tratamento, adesão, eventos adversos) são desconhecidos.

Desta forma, é de extrema importância o desenvolvimento de estratégias para contribuir com a qualidade de vida destes indivíduos. Por isso, projetos desenvolvidos por docentes dos cursos de Enfermagem e Farmácia têm sido realizados para ampliar o conhecimento sobre os fatores associados com o desenvolvimento de doenças e seu impacto, como convivem com o tratamento destas e a manutenção da saúde nas Comunidades do Sapê do Norte. Ainda, ações voltadas para o rastreamento de doenças cardiovasculares têm sido realizadas para orientar sobre a necessidade de adesão a terapia, riscos de complicações e quando necessário, encaminhamento aos serviços de saúde do município. Além de ações direcionadas à comunidade, os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos envolvem a participação de alunos de graduação o que permite ao estudante vivenciar práticas relacionadas ao exercício profissional, aplicar conhecimentos teóricos, além da oportunidade única do contato com a população com tantas demandas. O contato dos estudantes com indivíduos como quilombolas os faz refletir sobre a sociedade em que estão inseridos, proporciona humanização nos atendimentos e sensibiliza para o atendimento das demandas das comunidades.

Susana Bubach

Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em Saúde Coletiva (UFES), doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora na área de Saúde Coletiva atuando na UFES, no Campus São Mateus (CEUNES/UFES). Experiência em enfermagem, saúde coletiva, epidemiologia, fatores de risco cardiometabólicos, doenças crônicas, políticas de saúde.

Ana Alice Dias de Castro Luz

Possui graduação em Farmácia pela Universidade Católica de Santos (2000), especialista em Farmacologia pela Universidade Católica de Santos (2002), mestrado em Farmacologia pela Universidade de São Paulo (2006) e doutorado em Farmacologia pela Universidade de São Paulo (2012). Tem experiência em Atenção Farmacêutica, atuou mais de 5 anos em Ambulatório e com Equipe multiprofissional. Foi docente na Universidade Nove de Julho e em Pós-graduação (Faculdades Oswaldo Cruz, Instituto Racine e Universidade Estácio). Atualmente é professora adjunto na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus São Mateus, na área de Assistência Farmacêutica.